This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

869.8
D192ce
1902

A 858,686

PROPERTY OF
University of Michigan Libraries
1817
ARTES SCIENTIA VERITAS

JULIO DANTAS

A CEIA DOS CARDEAES

SEGUNDA EDIÇÃO

LISBOA
LIVRARIA EDITORA
TAVARES CARDOSO & IRMÃO
5, Largo de Camões, 6

1902

13 d'abril de 1902.

A CEIA DOS CARDEAES

Peça em um acto, em verso, representada pela primeira vez no theatro D. Amelia, em 24 de março de 1902

Reservados os direitos de reproducção no Brazil conforn
preceitua a Lei 496 de 1 de agosto de 1898.

JULIO DANTAS

A CEIA DOS CARDEAES

SEGUNDA EDIÇÃO

LISBOA
LIVRARIA EDITORA
TAVARES CARDOSO & IRMÃO
5, Largo de Camões, 6
1902

869.8
D192ce
1902

Porto—Imp. Portugueza—Rua Formosa, 112

AO ILLUSTRE POETA

SENHOR

CONDE DE MONSARAZ

FIGURAS

CARDEAL GONZAGA DE CASTRO, bispo de Albano, e camerlengo . . . . . *João Rosa*

CARDEAL RUFO, arcebispo de Ostia e deão do Sacro-Collégio . . . . . *Eduardo Brazão*

CARDEAL DE MONTMORENCY, bispo de Palestrina . . . . . *Augusto Rosa*

Em Roma, — Vaticano. Durante o pontificado de Benedetto XIV. — Século XVIII.

A CEIA DOS CARDEAES

Uma grande sala no Vaticano. — Paredes cobertas de pannos de Arrás. — Amplos tectos de caixão, com apainelamentos de talha dourada. — Um retrato de cardeal, vermelho, sobre o fogão. — Á D. baixa, o cravo, o violoncello e o violino d'um tercetto classico. — Estantes altas, fradescas. Luzes. — Ao fundo, largo tamborete onde repousam as capas, os chapéus, os bastões. — Á E. baixa, grande armario pesado de baixellas d'ouro e prata batida. — Quasi a meio, bufete, onde ceiam os tres cardeaes: toalha de hollandilha picada de rendas, serviço de Sèvres, em branco e ouro, cristaes. Luzes.

CARDEAL GONZAGA, CARDEAL RUFO, CARDEAL DE MONTMORENCY, *sentados ao bufete, ceando; os famulos, todos de verde e prata, servem-n'os, de joelhos*

CARDEAL RUFO, *visivelmente agastado*

Será já ámanhã!

CARDEAL GONZAGA, *ao* CARDEAL RUFO, *apontando uma travessa de Sèvres*

Eminencia, o faizão...

CARDEAL RUFO

Como arcebispo d'Ostia e cardeal deão,
Cumpre-me receber o embaixador de França!
Dir-lhe-hei...

CARDEAL DE MONTMORENCY, *interrompendo*

Eminencia, a humanidade avança!
Não é justo cerrar-se ao pensamento humano,
Como uma porta d'ouro, o velho Vaticano!
Dir-lhe-ha?... Que poderá dizer Vossa Eminenci

CARDEAL RUFO, *vehemente*

França é a Encyclopédia!

CARDEAL DE MONTMORENCY

E Roma a intransigenci

CARDEAL GONZAGA, *intervindo, conciliador*

Eminencias, então!...

CARDEAL DE MONTMORENCY, *a um famulo, que curva o joelho servindo os vinhos*

Velho-Rheno.

CARDEAL RUFO, *a outro famulo*

Xerez.

Continuando, a DE MONTMORENCY

›ma! Roma que viu, pela primeira vez,
nedetto XIV, um Papa, a receber
›nselhos de Inglaterra e cartas de Voltaire!

CARDEAL DE MONTMORENCY, *grandiosamente*

› cartas de Voltaire, honram!

CARDEAL RUFO, *n'um sorriso desdenhoso*

É natural.
.la como francez.

CARDEAL DE MONTMORENCY, *com dignidade*

Falo como cardeal!

CARDEAL GONZAGA, *intervindo, de novo*

ıs, perdão... Não será politica de mais
ra uma ceia alegre? Emfim, tres cardeaes
ío salvam Roma...

CARDEAL RUFO, *n'uma grande attitude*

Pois em minha consciencia,
stava um só para a salvar!

CARDEAL DE MONTMORENCY, *com ironia*

Vossa Eminencia?

CARDEAL GONZAGA, *conciliando, docemente*

Deixemos isso a Deus. E na divina mão
Roma repousará.

CARDEAL DE MONTMORENCY, *n'um sorriso*

Vamos nós ao faizão?

Trinchando, com galanteria

Se permittem, eu sirvo. É um faizão dourado,
Máu politico, sim, mas todo embalsamado
De trufas. Nunca fez encyclica nenhuma,
Não usou solidéo por sobre a aurea pluma,
Nem discutiu Calvino em pleno consistorio.
Mas é superior por certo a S. Gregorio.

Ao CARDEAL RUFO

Eminencia não acha?

Ao CARDEAL GONZAGA, *servindo*

A perna? A aza? O peito? —
Muito superior, sobre tudo em direito
Cannónico. — Uma azinha, Eminencia? Talvez
A possa amaciar, regando-a de Xerez...
A ave é rija de mais, para vélhinhos doentes...

CARDEAL GONZAGA, *muito formalisado*

ıencia! Inda tenho uns quatro ou cinco dentes...

CARDEAL RUFO, *provando o faizão*

:detto, talvez não ande muito mal,
ér ao cosinheiro o chapéu de cardeal!

CARDEAL DE MONTMORENCY, *a* D. RUFO

agora, a Eminencia agastou-se commigo...
ésse...

CARDEAL RUFO

Eu?

CARDEAL DE MONTMORENCY

Agastou.

CARDEAL RUFO, *desculpando-se*

Voltaire é um inimigo...

CARDEAL DE MONTMORENCY

ɔs amigos... São discordancias fugaces,
nencia...

CARDEAL RUFO, *abraçando-o, com ternura*

Depois...

CARDEAL DE MONTMORENCY, *beijando-o*

Vem o *osculum pacis*...

CARDEAL RUFO

Sobre um beijo outro beijo, e sobre um anno outro
Como envelhece a gente, o velho Vaticano!
A politica... O mal que se faz e desfaz
No mysterio subtil d'estes pannos d'Arrás...
A intriga na sombra... Os passos sempre incert

CARDEAL GONZAGA, *olhando a estante de musica*

O que nos vale...

CARDEAL DE MONTMORENCY

Ah, sim... São os nossos concert

CARDEAL RUFO

Musica d'uma uncção espiritual tão grande!

CARDEAL GONZAGA, *n'um extase*

Como a alma sóbe a Deus, nas fugas de Lal

CARDEAL RUFO, *a* DE MONTMORENCY

Depois, o seu violino... Eminencia é artista...

CARDEAL DE MONTMORENCY, *a* D. RUFO

E o seu violoncello...

CARDEAL RUFO

Oh! A perder de vista!

N'um sorriso de beatitude

Só com tres cardeaes, Roma era um céu aberto!

CARDEAL DE MONTMORENCY, *tristemente*

Tão longe, a mocidade...

CARDEAL GONZAGA, *n'uma lagrima*

E o tumulo tão perto! —
Sahiu-nos sobre a fronte a néve dos caminhos...

CARDEAL RUFO

Envelhecemos tanto!

CARDEAL GONZAGA, *a* D. RUFO

Estamos tão vélhinhos... —
Se fez sol, para nós... Sol! Pois não é verdade?

CARDEAL RUFO, *como n'um sonho*

Sol!

CARDEAL DE MONTMORENCY, *a um dos famulos*

Mais Champagne.

CARDEAL GONZAGA

Sol! — Inda aquéce, a saudade..
O pensar que se amou, que se viveu... O amor!
— Um tronco envelhecido a cuidar que deu flôr!

Depois d'um instante, n'um embevecimento

Mysterioso monte é n'este mundo a vida...
Todo rosas abrindo ao galgar na subida,
E a velhice, ao descer, toda cheia de espinhos...
— Ai, tão vélhinhos!

CARDEAL RUFO, *tristemente*

Tão vélhinhos!

CARDEAL DE MONTMORENCY, *olhando os dois, com ternura*

Tão vélhinhos?

CARDEAL RUFO

Reliquias. Devo ter setenta e tres já feitos.

CARDEAL GONZAGA

tenho oitenta e um.

CARDEAL DE MONTMORENCY, *sorrindo, ao olhal-os*

São dois vélhos perfeitos...
:s... Tres vélhos sem côr, que a saudade aviventa...

CARDEAL RUFO *a* DE MONTMORENCY

ssa Eminencia tem, quantos?

CARDEAL DE MONTMORENCY

Tenho sessenta.

DEAL RUFO, *ao* CARDEAL GONZAGA, *olhando* DE MONTMORENCY *com uma invéja infantil*

ssenta, só!

CARDEAL DE MONTMORENCY

Sessenta. E a vida já me cança...

CARDEAL GONZAGA

ssa Eminencia está ainda uma creança!

CARDEAL RUFO, *olhando embevecidamente* DE MONTMORENCY

Tambem já fui assim! E que rijo que eu era!
Sessenta annos! Ainda em plena primavera!
Tal qual assim... Tal qual!

CARDEAL GONZAGA

E eu! O que direi eu!

CARDEAL RUFO

Então, inda eu compunha ao espelho o solidéo,
E via, com amor, sob a sêda vermelha,
Uns fios d'ouro a rir por entre prata velha!

CARDEAL DE MONTMORENCY, *sorrindo*

Mas, Eminencias... Não! Com sessenta annos feitos
Não sou, precisamente, uma creança de peitos...
Sou um vélho tambem... Um vélhinho com o ar
De quem viveu feliz e envelhece a cantar...

CARDEAL GONZAGA

É. É uma creança. Em tendo a nossa edade,
Verá que o recordar coisas da mocidade
É o prazer maior que podem ter os vélhos...
Para nós, recordar é cahir de joelhos...

CARDEAL DE MONTMORENCY

Eu sei... Eu tambem sei... Recordar é viver...
Transformar n'um sorriso o que nos fez soffrer...
Resurgir dentro d'alma uma edade passada,
Como em capella d'ouro ha cem annos fechada
Onde não vae ninguem, mas onde ha festa ainda...
Se eu não hei de saber como a saudade é linda!
Se eu não hei de saber!—É curioso, Eminencias...
Não fizemos ainda as nossas confidencias,
E somos como irmãos... Tão amigos!

CARDEAL RUFO

É certo!

CARDEAL GONZAGA

Confidencias...?

CARDEAL DE MONTMORENCY

Então... A morte vem tão perto...
Olhemos para traz... Lembremo-nos da vida...
A saudade d'um vélho é uma estrada florida!

CARDEAL RUFO, *como n'um sonho*

Confidencias d'amor!

CARDEAL DE MONTMORENCY

Porque não ha de ser?
Em toda a mocidade ha um riso de mulher...
Contemos esse riso uns aos outros... Nós tres...
Recordar um amor é amar outra vez...
Ninguem nos ouve...

CARDEAL GONZAGA

Mas, Eminencia!

CARDEAL DE MONTMORENCY

O maior
Amor da nossa vida!

CARDEAL GONZAGA, *n'um sincero pudor, tapando a cara*

Oh!

CARDEAL RUFO, *como quem sonha*

O maior amor!

CARDEAL GONZAGA, *querendo protestar*

Mas nós somos cardeaes!

CARDEAL RUFO, *enthusiasmando-se*

O sentimento humano
Em toda a parte vive, até no Vaticano!

E esta purpura, ai não, seria crueldade,
Pode matar o amor, mas não mata a saudade!

CARDEAL DE MONTMORENCY, *ao* CARDEAL GONZAGA

Principie o mais vélho... Eminencia...

CARDEAL GONZAGA

Não, não,
Por Deus!

CARDEAL RUFO, *a* DE MONTMORENCY

Seja o mais novo!

CARDEAL DE MONTMORENCY, *escusando-se, polidamente, n'um gesto*

Oh!

CARDEAL RUFO, *tomando uma grande attitude*

Serei eu, então!

Pensando um instante

Que lhes hei-de contar?

Erguendo a cabeça, os olhos brilhantes, como quem encontrou

Uma aventura linda,
Cheia de coração! Ai, não ter eu ainda

Mocidade na voz para a saber contar!
Eminencias, perdão se eu acaso chorar...
Se uma lagrima... — Emfim, são tudo impertinencias
De vélhos...

CARDEAL DE MONTMORENCY, *como convidando-o a principiar*

Eminencia...

CARDEAL RUFO, *depois d'um ligeiro cumprimento a ambos*

Eu começo, Eminencias. —
Aos vinte annos ou vinte e dois, proximamente,
Fui eu, por gentileza a um fidalgo parente,
Com minha capa negra e minha volta branca
Lêr cannones e leis na douta Salamanca.
Era então um pequeno, espadachim e ousado,
O feltro ao vento, o manto ao hombro, a espada ao lado,
Tendo o instincto da phrase e a intuição do gesto,
— Um Velasques no trajo, um Quixote no résto,
Que seria talvez, por suprema façanha,
Capaz de desafiar o proprio rei de Hespanha!
Nem pode calcular sequér, vossa Eminencia,
Como o meu buço loiro irradiava insolencia!
Não matei em duéllo o sol, pelas alturas,
Só para não deixar Salamanca ás escuras!
A respeito de amor, como essencia divina,
Fiquei-me no *D. Juan* de Tirso de Molina:
O amor para mim, por mais alto que fôsse,
Morria, ainda em flôr, com a primeira posse!

Detestava a mulher, depois de conquistada:
A conquista era tudo; o résto, quasi nada...
Não podia soffrer aventuras serenàs.
Para mim, o amor era o duéllo apenas.
Batia-me ao acaso, emfim, por qualquer cousa
Um beijo, uma mulher, uma pédra preciosa,
Uma flôr que se atira, aza d'ouro pelo ar,
A esmola d'um sorriso, a graça d'um olhar...
Já não tinha valor para mim nenhum bem,
Se não fosse preciso ir disputal-o a alguem.
Assim vivia eu e os outros estudantes,
Lendo pouco Platão, lendo muito Cervantes,
Quando entrou de jornada em Salamanca um dia
Sobre carros de bois, a maior companhia
De cómicos, que eu vi ainda em toda a Hespanha!

CARDEAL DE MONTMORENCY, *n'um sorriso*

Se visse a de Molière... Oh!

CARDEAL RUFO, *sem se desmanchar*

Não era tamanha
Nem tão rica por certo. Ah! Foi uma loucura
Na Universidade! — A primeira figura
Do bando era uma viva e linda rapariga,
Um Rubens precioso, uma belleza antiga...

CARDEAL GONZAGA, *tapando a cara*

Oh!

CARDEAL RUFO

D'um louro flamengo, a cabecita airosa
Toda n'um garavim de sêda côr de rosa,
Como um beijo de luz, rescendia innocencias...

CARDEAL DE MONTMORENCY, *extranhando a palavra*

Oh!

CARDEAL RUFO

Eu peço perdão se me excedo, Eminencias...
Mas aquella mulher era um anjo dos Céus!
Se Deus a pretendesse... eu desafiava Deus!
Vêr um anjo a dizer-me — ó natureza céga! —
Versos de Calderon e de Lope de Véga! —
A representação foi sobre um páteo vélho,
Todo armado, á fidalga, em damasco vermelho,
N'um tapete real de capas de estudantes!

N'um desfallecimento, escondendo uma lagrima

Ai, o que eu sou agora! Ai, o que eu era d'antes!
Quanta luz, quanto fogo a velhice nos rouba! —
Representaram, não sei bem se a *Niña Bôba,*
Um poemasinho léve, onde a graça esvoaça...
Mas sem ella, sem ella onde estaria a graça?
N'isto, em meio talvez da representação
Ouvi ao pé de mim, d'entre um bando folião
De escolares, dizer em voz rouca e sumida:
«O rapto será logo, hein? Será á sahida,

Na porta dos brazões. Quando a linda *Bôbinha*
Entrar na sua rica e léve cadeirinha,
Cahiremos sobre ella, e... » Não ouvi mais nada.
Inda desembainhei meio palmo da espada,
Mas contive-me. « Não. Logo é melhor. » — disse eu.
Quando acabou a péça, era noite. Desceu
Uma tapeçaria. A cadeirinha, fóra,
Á porta dos brazões, para sua senhora,
Era um ninho infantil de lúcido brocado...
Perto, o bando escolar aguardava, embuçado.
Occultei-me tambem nas sombras da viella,
Desembainhei a espada, e... N'istò, assomou ella.
Diz-se: espada e annél, na mão em que estivér!
Mas sempre é forte a mão, quando é linda a mulher!
Atirei-me d'um salto, e em rapidos instantes,
Sósinho contra vinte e tantos estudantes,
Contra uma faculdade inteira, expondo a vida,
A capa ao vento, a espada em punho, a pluma erguida,
Talhei, ensanguentei, feri, n'uma violencia...

Esgrimindo com o bastão, por sobre a mesa

Assim! Assim!

CARDEAL DE MONTMORENCY, *defendendo a leiça e o serviço riquissimo*

Por Deus! É Sèvres, Eminencia!

CARDEAL RUFO, *sentando-se, n'um grande gesto fanfarrão*

E se não os matei a todos, em verdade,
Foi p'ra não se fechar a Universidade!

CARDEAL GONZAGA, *profundamente admirado*

Sósinho contra vinte! Uma lucta sangrenta!

CARDEAL RUFO

Vinte? — Trinta! Ou talvez, contando bem, quarenta

CARDEAL DE MONTMORENCY

E então... a cadeirinha?

CARDEAL RUFO

Ah! Desappareceu.

CARDEAL GONZAGA

E a cómica?

CARDEAL RUFO

Sei lá!

CARDEAL DE MONTMORENCY

Quê? Não a seguiu?

CARDEAL RUFO

Eu?

CARDEAL DE MONTMORENCY

Não a tornou a vêr?

CARDEAL RUFO, *tristemente*

Não. Nunca mais a vi.
›i por isso que a amei, — porque a não possui!

CARDEAL DE MONTMORENCY

› seu caso, Eminencia, eu...

CARDEAL RUFO

Diga...

CARDEAL DE MONTMORENCY

Se o consente...

CARDEAL RUFO

:guia a cadeirinha?

CARDEAL DE MONTMORENCY

Immediatamente.
ao attingil-a, então, curvaria o joelho,
iraria o chapéu, em grande estylo vélho,
prostrando-me junto á portinha dourada,
e corpo ajoelhado e d'alma ajoelhada,
iria n'um olhar cheio de sonhos loucos:
Senhora, perdoae, bater-me... com tão poucos!»

CARDEAL RUFO

Linda phrase!

CARDEAL DE MONTMORENCY

Não é?

CARDEAL RUFO

Pena não me occorrer...

Com grande tristeza na voz

Agora é tarde já para eu lh'a dizer!

CARDEAL DE MONTMORENCY

Tinha espirito... — Emfim, o amor, pensando bem,
Não é só a bravura, é o espirito tambem,
Essa força subtil e tenuissima quasi,
Que é a alma do gesto e a nobreza da phrase,
Qualquer coisa de fino e flexuoso e ardente,
Que nos faz ajoelhar, irreflectidamente,
Perturba, vence, infiltra e mal afflóra á bocca,
Véste de sêda e ouro a confissão mais louca...
Que seria o amor sem espirito, Eminencia?
Uma paixão brutal ou uma impertinencia,
Sem pureza, sem tudo aquillo que resume
O coração n'um beijo e a alma n'um perfume!
Com uns punhos de renda, até a offensa é linda!
Pode ser fina a espada; a phrase é mais ainda!

Uma escóla subtil de esgrima delicada...
Procura o coração a phrase, como a espada,
E desfaz-se, ao ferir, em pédras preciosas,
Como os raios de sol, quando férem as rosas...
Se ao homem vence a espada, e se é bello vencer,
O espirito faz mais, — porque vence a mulher!
No meu tempo, no tempo em que amei e vivi,
Fui o que inda hoje são os de Montmorency,
O grande espirituoso, o leão da nobreza
Cabelleira em annéis e góla á Genoveza,
Passeando, todo em sêda, orgulhoso e solemne,
Pelas salas feudaes da duqueza de Maine.
Ah! Como já vae longe esse tempo d'amor!
Como vae longe! — Um dia, o velho Philidór
Tocava sobre o cravo um lindo minuete,
Um mimo, o que ha de mais século XVII...

Querendo recordar-se, e cantando

La-ri, la-ra, la-ri...

Suspendendo, tristemente

Já não me lembro bem...
Tudo passa!

Tentando de novo recordar-se

La-ri, la... — N'esse instante, alguem,
Uma linda mulher que eu já tinha encontrado
Nas ruas de Versailles, em seu côche dourado,

A Embaixatriz d'Austria, uma deusa, um assombro,
Poisou, n'um gésto lindo, a mão sobre o meu hombro
E disse, n'uma voz desdenhosa: «Marquez,
Detesto-o.» Sorri. N'isto, segunda vez:
«Aborreço-o.» Ri ainda. Ah, Eminencias!
Uma mulher bonita a dizer insolencias
É a coisa mais galante e mais deliciosa
Que póde imaginar-se. É como se uma rosa
Soltasse imprecações, vermelha e melindrada,
Contra as azas de sol d'uma abelha dourada...
N'isto, terceira vez: «Marquez, tenho-lhe horror.»
Já não ri. Junto ao cravo, o vélho Philidór
Tocava o seu minuete ingénuo e palaciano...

Querendo ainda lembrar-se

La-ri, la-ra, la... Não... *La-ri*...

N'uma grande expressão dolorosa

Ha já tanto anno!
Não me lembro... A velhice!

Vendo, de repente, o velho cravo fradesco, e erguendo-se

Ah, talvez, sim... Talvez
O consiga tirar n'este cravo hollandez.

Ferindo as téclas com a mão esquerda, de pé, e continuando a falar para os dois cardeaes emquanto vae tocando

La-ri, la-ra... — Então, decidi-me, Eminencias.
Compuz a cabelleira, e em duas reverencias,
O pé atraz, a mão na espada, á moda antiga,
Curvei-me ante essa linda e fidalga inimiga,
E disse: «A sua mão. Venha, minha senhora...
Não me detestará d'aqui a meia hora.» —
Dançámos o minuete. Ella — era singular! —
Dava-me a impressão d'uma renda a dançar,
Uma renda ligeira, um Saxe transparente,
Onde se iam poisar, perturbadoramente,
Como um enxame d'ouro, espirituoso e léve,
Desde a bréve ironia ao epigramma bréve,
A phrase á Marivaux, ardente e complicada,
O eterno quasi tudo, — apenas quasi nada,
O espirito-mesura, o sorriso-eloquencia...

Ao CARDEAL RUFO, *que está mais proximo*

Não sei, precisamente, o que disse, Eminencia,
Mas devia ter sido um requinte de graça,
Galanteio que vôa ou perfume que passa,
Poema todo em rosa, apaixonado e brando,
Que nos dá a illusão de que se diz sonhando,
Eloquencia d'amor que perturba a mulher,
E vence quando ajoelha, e beija quando fére!
La-ri, la... Terminou o minuete, por fim.
Meia hora depois, nas sombras do jardim,

A Embaixatriz d'Austria, apaixonada, louca,
Unindo á minha bocca a pequenina bocca,
Dizia-me a sorrir: «Como o adoro, marquez!»
— O espirito vencêra ainda mais uma vez!
E emquanto Philidór, junto ao cravo...

Tocando, á procura, n'um desespero

Não sei...
La-ri, ra...

Depois, n'uma explosão subita d'alegria, sentando-se ao cravo, a tocar

O minuete! Achei! Achei! Achei!
La-ri-ra, la-ri-ra, la-ra...

GARDEAL RUFO, *erguendo-se e aproximando-se do* CARDEAL DE MONTMORENCY

Vossa Eminencia
Perdôa-me, talvez, mais uma impertinencia...

CARDEAL DE MONTMORENCY, *levantando-se do cravo*

Era lindo, o minuete!

CARDEAL RUFO, *sorrindo*

É que para vencer
N'esse jogo floral uma simples mulher,
Parece-me de mais a sua meia hora...

CARDEAL DE MONTMORENCY

Oh! Pois acha, Eminencia!

CARDEAL RUFO

O espirito... demora!
Trinta e tantos brigões fortes e resolutos
Venci eu, a poder de espada em dois minutos!

CARDEAL DE MONTMORENCY, *n'uma ironia,* A D. RUFO

Seguisse a *Niña Bôba*... A Eminencia veria...
Passava a meia hora, e não a venceria!

Ao CARDEAL GONZAGA, *que pensa, n'uma attitude quasi d'extase*

A Eminencia que diz?

CARDEAL RUFO, *acercando-se tambem do* CARDEAL GONZAGA *e tocando-lhe nas costas*

Em que pensa, cardeal?

CARDEAL GONZAGA, *como quem acorda, os olhos cheios de luz, a expressão transfigurada*

Em quanto é differente o amor em Portugal!
Nem a phrase subtil, nem o duéllo sangrento...
É o amor coração... É o amor sentimento...
Uma lagrima... Um beijo... Uns sinos a tocar...
Um parsinho que ajoelha e que se vae casar...

Tão simples tudo! Amor que de rosas se inflora...
Em sendo triste, canta, em sendo alégre, chóra!
O amor simplicidade, o amor delicadeza...
Ai, como sabe amar, a gente portugueza!
Tecer de sol um beijo, e desde tenra edade
Ir n'esse beijo unindo o amor e a amisade,
N'uma ternura casta e n'uma estima sã,
Sem saber distinguir entre a noiva e a irmã...
Fazer vibrar o amor em cordas mysteriosas,
Como se em communhão se entendessem as rosas,
Como se todo o amor fôsse um amor sómente...
Ai, como é differente! Ai, como é differente!

CARDEAL RUFO

Tambem vossa Eminencia amou?

CARDEAL GONZAGA

Tambem! Tambem!
Pode-se lá viver sem ter amado alguem!
Sem sentir dentro d'alma — ah, podel-a sentir! —
Uma saudade em flôr, a chorar e a rir!
Se amei! Se amei! — Eu tinha uns quinze annos apenas.
Ella trese. Um amor de creanças pequenas,
Como uma nuvem d'ouro ao abrir da manhã...
Era minha priminha. Era quasi uma irmã.
Bonita não seria... Ah, não... Talvez não fôsse...
Mas que profundo olhar, e que expressão tão dôce!
Chamava-lhe eu, a rir, a minha mulhersinha...
Nós brincávamos tanto! Eu sentia-a tão minha!

Toda a gente dizia, em pleno povoado:
«Não ha noiva melhor para o senhor morgado,
Nem em capella antiga ha santa mais santinha...»
E eu resava, baixinho: É minha! É minha! É minha!
Quanta vez, quanta vez, cançados de brincar,
Ficavamos a olhar um para o outro, a olhar,
Todos cheios de sol, offegantes ainda...

N'uma grande expressão de dôr

Era feia, talvez, mas Deus achou-a linda...
E uma noite, a minha alma, a minha luz... morreu!

N'uma revolta angustiosa

Deus, se m'a quiz tirar, p'ra que foi que m'a deu?
Para quê! Para quê!

CARDEAL DE MONTMORENCY, *ao vel-o erguer-se, amparando-o*

Oh! Eminencia...

CARDEAL RUFO, *curvando-se, tambem para o amparar, commovido*

Então!

CARDEAL GONZAGA

Ai! Pois não via, Deus, que eu tinha coração?

CARDEAL RUFO

ninencia!